



A Associação das Forças Armadas representa quem? (in Expresso, 16 de Maio de 2014)

Aqui há uns dias, uma série de oficiais, incluindo oficiais generais, retiraram-se da apresentação de um livro do general Loureiro dos Santos por lá ter aparecido o ministro da Defesa.

Esta semana, a Associação dos Oficiais das Forças Armadas revelou que faltara à cerimónia comemorativa dos 40 anos da Associação dos Deficientes das Forças Armadas por lá estar o ministro da Defesa.

Ou seja, para a dita associação - que não se percebe bem quem representa - e para os ditos oficiais generais, - a Defesa devia ter outro ministro. Eis uma coisa que muitos professores devem pensar do seu ministro, tal como muitos médicos ou juízes. Acontece que este país é democrático e que os oficiais, médicos, juízes e professores podem achar o que quiserem, dizer o que quiserem e escrever o que quiserem. Mas têm uma obrigação, se querem ser oficiais, juízes, médicos (do Estado) ou professores (do ensino público): têm de lidar com o ministro que democraticamente - volto a escrever a palavra porque ela custa a engolir a muita gente, democraticamente - ocupam os cargos no Governo.

Se me dissessem que os torneiros mecânicos de uma oficina tinham abandonado o posto de trabalho devido à presença de um membro do Governo, eu podia democraticamente não concordar, mas aceitava. Se me dissessem que professores ou médicos tinham feito o mesmo, eu não concordando, seria levado a condenar. Quando a coisa chega a oficiais das Forças Armadas, desculpem, mas fia mais fino. Aqueles senhores fizeram um juramento e a opinião deles vale tanto como a minha, salvo isto: eu não sou oficial das Forças Armadas, não tenho de aturar o dr. Aguiar Branco nem ouvir os seus discursos. Os senhores são oficiais, têm de o aturar, ouvir o que ele diz e estar presentes onde ele está.

Não o fazer pode parecer um ato extraordinariamente corajoso. Mas é impróprio de oficiais. Virem dizer que não se conformam com o estado a que chegou o país, é uma mera rendição à mais rasteira política; nem está de acordo com a lei que enquadra a representação institucional dos militares onde se lê que esta apenas deve ter "caráter assistencial, deontológico ou sócio-profissional".

Mas imaginem, por um segundo, que o ministro não punha os pés nas comemorações dos 40 anos da ADFA. Lá estaria a AOFA a proclamar que o ministro era insensível face aos mais desafortunados camaradas de armas.

É verdade! Se estes oficiais representassem os três ramos das Forças Armadas, não podíamos dormir tranquilos...

Porém, se um dia alguém chegar ao pé do dirigente da AOFA, ou da Associação de Sargentos e perguntar quem e quantos oficiais e sargentos, na realidade, representam haverá uma surpresa. Porque seguramente não representam quase ninguém.

Só o facto de pouco mais serem do que um grupo de amigos, pode levar um grupo de oficiais a abandonar o lançamento de um livro de um general com o prestígio de Loureiro dos Santos, ou a não estar presente numa Associação - essa sim, representativa - que congrega os deficientes das Forças Armadas, aqueles que em combate ou em circunstâncias de dever foram feridos e ficaram marcados para a vida.